

SAPAPRETAS¹: IDENTIDADE E EXPERIÊNCIAS HOMOAFETIVAS DE MULHERES PRETAS EM ANGOLA, BRASIL E GUINÉ-BISSAU²

Sheila Gabriela Oliveira da Silva³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo promover uma reconfiguração das terminologias ocidentais, como o termo “lésbica”, que foi universalizado como categoria identitária sem considerar as experiências interseccionais de mulheres negras homoafetivas. A partir dos relatos de mulheres angolanas, brasileiras e bissau-guineenses, usados como fonte de evidência, visamos destacar as subjetividades vivenciadas nesses territórios como manifestações da (re)existência no espaço lusófono. Proponho o termo "sapapreta" como um neologismo terminológico em construção, na elaboração de palavras não ocidentais que expressam as realidades vividas por mulheres negras lésbicas. Com isso, reconhecemos a opressão compartilhada na diáspora africana e no continente, as interseções culturais e raciais são elementos significativos na construção da identidade homoafetiva das mulheres negras. O trabalho visa (re)definir e problematizar as terminologias existentes, permitindo a emergência de novas formas de expressão que valorizem a complexidade e diversidade dessas experiências.

Palavras-chave: homossexuais negros; identidade de gênero; lésbicas.

ABSTRACT

The paper aims to promote a reconfiguration of Western's terminologies such as “lesbian women” which was universalized as an identity category without considering intersectional experiences of homo-affective Black women. Through angolan, brazilian and guineans women's stories, used methodologically as a source, the paper seeks to highlight the subjectivities experimented in these territories as re-existence manifestation in the Lusophony world. The work proposes the concept “sapapreta” as a building terminology, in an effort to think and elaborate non-Western words to express homo-affective Black women's experiences. That said, the paper recognizes a shared oppression between Africa and its Diaspora and it also acknowledges the cultural and racial intersections as effective elements on Black Women's homo-affective identity. Finally, the work aims at redefining and questioning the existing terminologies, raising the emergency of new forms of sexual orientation expressions which value the complexity and diversity experiences of Black Woman.

Keywords: black homosexuals; gender identity; lesbians.

¹ *Sapapreta* é uma terminologia em construção, que tem o intuito de possibilitar a existência de outros termos, que não ocidentais, para expressar as realidades vividas por mulheres negras lésbicas.

² Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

³ Bacharelanda em Humanidades pela UNILAB-Malês.

Enquanto eu escrevo

Grada Kilomba

Às vezes eu temo escrever.
 A escrita adentra o medo
 Para que eu não possa escapar de tantas
 Construções coloniais
 Nesse mundo
 Eu sou vista como um corpo que
 Não pode produzir conhecimento
 Como um corpo fora do lugar
 Eu que, enquanto escrevo.
 Cada palavra escolhida por mim
 Será examinada
 E, provavelmente, deslegitimada.
 Então, por que eu escrevo?
 Eu tenho que fazê-lo
 Eu estou incrustada numa história
 De silêncios impostos,
 De vozes torturadas,
 De línguas interrompidas por Idiomas forçados e Interrompidas falas
 E eu estou rodeada por
 Espaços brancos,
 Onde dificilmente eu posso adentrar e permanecer.
 Então, por que eu escrevo? Escrevo, quase como na obrigação
 Para encontrar a mim mesma
 Enquanto eu escrevo
 Eu não sou o Outro
 Mas a própria voz
 Não o objeto Mas o sujeito.
 Torno-me aquela que descreve
 E não a que é descrita
 Eu me torno autora, E a autoridade
 Em minha própria história
 Eu me torno a oposição absoluta
 Ao que o projeto colonial predeterminou
 Eu retorno a mim mesma
 Eu me torno.

1 INTRODUÇÃO

Agô,

Este trabalho tem como tema “*Sapapreta: Identidade e escrevivências homoafetivas de mulheres brasileiras, angolanas e bissau-guineenses*” como intuito de apresentar relatos de experiências de mulheres negras lésbicas de diferentes contextos socioculturais e regionais dos países lusófonos: Angola, Brasil e Guiné-Bissau. Neste trabalho, pretendo de forma ousada e criativa, cunhar um novo termo que redefine as estruturas linguísticas, na qual, somos constantemente categorizadas em terminologias exógenas fundamentada nos pilares ocidentais, como a palavra “lésbica” que é universalmente utilizada como uma categoria identitária. Porém, no ambiente acadêmico estamos constantemente sendo influenciadas a questionar as

classificações impostas pela colonização. Me senti instigada a desenvolver uma terminologia que contemple a realidade vivida por mulheres negras lésbicas, inspirada principalmente por Audre Lord, que enquanto ancestral, tem me guiado nesse caminho de construção do pensamento epistemológico. Adiante, irei tratar mais a respeito da construção do termo. Me sustento em argumentações que me impulsionam a romper com as estruturas de opressão, e me comprometo com esse desafio, pois, segundo Lord “Cada uma de nós [...] compartilhamos o compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós” (LORD, 2019, p. 52)

Falar de Audre Lord, da Sobofu Somé, Conceição Evaristo e de todas as mulheres que escreveram esse trabalho junto a mim me faz acreditar que estou trilhando um caminho à romper com os silêncios. Liz Yorke (1994) nos diz que um dos silêncios mais ensurdecadores da história é o da sexualidade lésbica. Em complemento, Zethu Matebeni (2020) fala que o silenciamento e apagamento das subjetividades de negras lésbicas é de várias maneiras violento, pois, vivemos sob diversas tentativas de acabar com as nossas subjetividades sexuais.

Por muitas vezes me senti convidada por Lord a pensar e escrever às minhas subjetividades e sinto, de fato, como se ela conversasse comigo através dos seus escritos. Nesse movimento quase sobrenatural, estou aqui, transcrevendo experiências das *sapapretas* de países diferentes, com realidades diferentes mas com uma história em comum, com uma marca em comum, com dores e amores em comum. Assim como quando eu leio Audre Lord, e me identifico com suas palavras, senti que nos relatos de cada *sapapreta*. Eu também estava lá, nas histórias que se assemelhavam às minhas próprias. Mesmo com muitos quilômetros de distância de um país para o outro, às experiências subjetivas do ser mulher, negra, lésbica se aproximam. Evaristo (2017) reflete sobre o conceito de escrevivência, considera que o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si”.

Muitas vezes precisei revisitar memórias antigas e dolorosas, às vezes memórias felizes e nostálgicas, mas senti esse movimento de escrita como sendo *abebeístico*⁴ como olhar no espelho. Ao olhar para elas, me reconheci. Em vários momentos, me emocionei. Abrir as subjetividades é um desafio bonito e tenho certeza que através das narrativas das *sapapretas* presentes nesse trabalho, outras mulheres irão se reconhecer e espero que os relatos dessas mulheres possam ressoar na construção de possibilidades da existência das nossas identidades,

⁴ Abebeístico é um neologismo que faz referência a ferramenta utilizada pela a divindade feminina Oxum, que é uma orixá das águas doces, do amor, da fertilidade e da riqueza. cultuada no candomblé Ketu, seu culto tem heranças iorubanas. Oxum, carrega uma abebé (algo similar a um espelho). Além de sua função ritualística, o abebé também possui um significado simbólico.

sem precisarmos sentir medo, diferente ou excluídas por ser quem somos. Os ataques e violência sofridos por sapapreta se justificam pela transgressão às ordens sexual e de gênero, o que postula os privilégios masculinos (Gontek, 2009; Gunkel, 2010; Matebeni, 2019).

Posso dizer que este trabalho vem sendo escrito de forma orgânica ao longo do tempo. O meu despertar para essa temática, além de ser algo que está atrelado a minha identidade e vivência se dá principalmente a partir das leituras/encontros com Lord. Através das reflexões que iam povoando meus pensamentos, resolvi explanar-los nas minhas redes sociais, no qual, gerou um debate muito interessante.

Comecei a fazer enquetes nas redes sociais e isso engajou uma discussão política a respeito das indagações que tentarei respondê-las ao longo deste trabalho. Com isso, pude perceber a proximidade nas vivências de mulheres lésbicas nas diferentes partes do país (Brasil) e do mundo. Algumas colegas angolanas participaram dessa discussão virtual, o que me instigou a querer saber mais sobre as vivências dessas mulheres.

A convivência com as comunidades guineenses e angolanas na UNILAB me fez perceber o quão esse assunto é um tabu na realidade cultural africana - especificamente dos países Angola e Guiné-Bissau que são os países que compõe a integração na UNILAB - resolvi buscar pessoas no qual pudesse de alguma forma me ajudar a responder essas indagações. Fazendo a disciplina de metodologia II eu pude trazer esses relatos para o pensamento científico e pude pensar de forma mais epistemológica.

Inicialmente, o projeto tinha outro viés, queria trazer às narrativas poéticas dessas mulheres - espero em outro momento poder trilhar essa pesquisa para o caminho da literatura, pois, enquanto poeta percebo a potencialidade dos escritos poéticos, acredito que seja a forma mais subjetiva e profunda de escrevivência⁵ Junto aos relatos, a poesia também foi um caminho, no qual, as entrevistadas puderam trazer suas narrativas. Embora o foco principal seja trazer os relatos de experiências, fazia sentido colocar as poesias escritas por elas. Eu enquanto poeta, rapper e slammer⁶, assumo a responsabilidade de falar sobre as minhas potencialidades e das

⁵ O termo "escrevivência" foi cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo (2017) é um conceito utilizado para expressar a experiência e vivência de grupos historicamente marginalizados, como mulheres negras, por meio da escrita A escrevivência busca romper com narrativas hegemônicas e trazer à tona perspectivas e vozes que foram historicamente silenciadas. É um meio de expressar a realidade e as experiências pessoais e coletivas, valorizando nossas histórias, memórias e lutas.

⁶ Slammer é o termo utilizado para se referir a um participante ou praticante do movimento artístico conhecido como "slam de poesia" ou simplesmente "slam". O slam é uma forma de competição de poesia performática em que os artistas recitam seus poemas de forma expressiva diante de um público. O objetivo do slam não é apenas a competição, mas também a criação de um espaço de expressão e diálogo, onde as vozes e perspectivas diversas possam ser ouvidas e apreciadas. O movimento do slam da poesia tem sido uma plataforma importante para promover a liberdade de expressão, a diversidade cultural e o engajamento com questões sociais e políticas.

sapapretas que tem a palavra como uma ferramenta de autocura, autoconhecimento, aceitação e contação das nossas vivências e experiências interseccionais.

2 SAPAPRETA: NOMENCLATURA, SOCIALIZAÇÃO E PRECONCEITOS

A utilização do termo "*sapapreta*" está atrelado ao desejo de não evidenciar termos pejorativos ou ocidentais que categorizam as terminologias identitárias. A formulação da palavra "lésbica" vem do latim *lesbius* referenciando a ilha de Lesbos que fica na Grecia, cujo, a poetisa chamada Safo escreveu poemas sobre amor entre mulhere e posteriormente uma espécie de classificação sexual foi estalecida. A partir desse processo histórico ocidental se consolidou uma terminologia para designar mulheres que se relacionam com outras mulheres, nós somos encaixotadas na classe das mulheres lésbicas. Essa identidade foi universalizada e exportada como agenda política, principalmente, no continente Africano e na diáspora.

Eu penso em lésbicas como mulheres predominantemente brancas e classe média e um segmento de mulheres de cor que adquiriram o termo por osmose muito como Chicanas e Latinas assimilaram a palavra "hispânicas". Quando uma "lésbica" me nomeia o mesmo que ela, ela me subsume sob sua categoria. Eu sou de seu grupo mas não como uma igual, não como uma pessoa inteira – minha cor apagada, minha classe ignorada (Anzaldua, 2009, p.163).

Me incomoda o fato dos termos identitários serem provenientes do ocidente, nos classificam e nos fazem lutar por direitos de existir na sociedade. Tanto os termos quanto às práticas homofóbicas são realizações culturais do próprio ocidente, "O debate sobre condição gay e lesbianismo, usualmente reeridacomos homossexualidade, está polarizado principalmente entre dois discursos concorrentes que são em grande parte de origem colonial" (KABWILA, Jessie. 2013, p.129)

Por tanto, a escolha por cunhar um termo que identificasse de forma interseccional⁷, compreendendo que a interseccionalidade não é uma categorização de identidade, mas sim, uma crítica social às formulações das opressões.

[...] as experiências específicas de mulheres de grupos étnicos ou raciais definidos são muitas vezes obscurecidas dentro de categorias mais amplas de raça e gênero, a extensão total da sua vulnerabilidade interseccional ainda permanece desconhecida e

⁷ O conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989) apresenta as dinâmicas de opressão vigentes nos diversos sistemas de poder que afeta de forma interseccional os corpos dissidente criando experiências únicas de discriminação e desigualdade para pessoas que ocupam múltiplas identidades marginalizadas. Em outras palavras, a interseccionalidade reconhece que as opressões não são isoladas ou independentes umas das outras, mas estão interconectadas e influenciam a vida das pessoas de maneiras complexas.

precisa, em última análise, ser construída a partir do zero (Crenshaw, Kimberlé, 2002, p. 174)

Sapapreta, é uma terminologia em construção que tem o intuito de possibilitar a existência de outros termos, que não ocidentais, para expressar as realidades vividas por mulheres negras lésbicas. Pois, a negação da nossa identidade perpassa por âmbitos raciais, como também da sexualidade. “de várias maneiras e muitas vezes, também, com violência, às lésbicas negras [...] vivem sob duras condições que implicam a tentativa de acabar com suas subjetividades sexuais.” (Matebeni, 2020, p.115)

A nossa existencia nos une historicamente, nossos corpos carregam processos de silenciamento fruto da colonização que subalternizou as nossas subjetividades, as vivências no eixo lusófono dialogam, pois, a opressão sentida por uma mulher negra lésbica na diáspora, assim como, no continente africano provem historicamente da colonização.

Quando olhamos a vida como europeu com apenas um problema a ser resolvido, confiamos exclusivamente em nossas ideias para nos libertar, pois elas, segundo o que disseram os patriarcas brancos, são o que temos mais valioso. No entanto quando entramos em contato com a nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de vida [...] aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder (LORD, 2019, 45).

Somé (2007) apresenta uma concepção da tradição africana do povo Dagara sobre as sexualidades na qual a palavra “gay” e “lésbicas” inexistem no mundo da aldeia e no mundo dos espíritos.”. "A palavra é ‘guardião’ que vive no limite entre dois mundos. O (SOMÉ, p. 139, 2007) Essa compreensão, exprime as dimensões espirituais deslocando as vivências homoafetivas como exclusivas da prática sexual, possibilitando olhar às dimensões do ser homoafetivo de modo subjetivo e poético.

Em sua obra, Somé nos diz o quanto às práticas homofóbicas geradas no mundo ocidental vem apagando o poder dos "guardiões" principalmente pela outrificação⁸ dentro da concepção cristã de pecado que gera um constrangimento ao longo das vivências de mulheres assumidamente lésbicas.

O processo de socialização das lésbicas negras é demarcado pela categorização e palavras pejorativas que apontam uma espécie de “deformidade” social, apenas pelo modo como elas performam em sua infância/juventude. Não estou falando ainda de uma identificação

⁸ Outrificação é um neologismo que refere-se ao processo de tornar alguém ou algo "outro" ou "diferente" em relação a um padrão dominante ou normativo. Pode ser entendido também como um sinônimo de “alteridade” dentro da formulação crítica de Hountondji (2009) à noção de alteridade, ele argumenta que o conceito de alteridade muitas vezes tem sido usado como uma ferramenta para exotizar e marginalizar culturas não ocidentais, perpetuando assim a lógica colonial de dominação e subjugação.

da sexualidade, mas os apontamentos e formulações de qual será as preferências sexuais com base em comportamentos centrados numa concepção binária de feminilidade e masculinidade performada.

Eu me vi lésbica
quando eu amei sem igual outra mulher.
Me vi lésbica
quando quis proteger e cuidar de uma mulher, tendo e fazendo ela minha...
Me vi lésbica
quando sarei as minhas feridas com as lágrimas de alegria,
vendo a minha mulher com um vestido de noiva...
Me vi lésbica
quando notei um mundo colorido onde a minha bandeira tinha as cores da felicidade
da aceitação do meu gênero.
Na verdade, eu me vi lésbica quando eu olhei para dentro dos olhos de outra mulher
e encontrei o amor que sempre procurei
(Poema de Nzinga)

Em entrevista com algumas *sapapretas*, brasileiras e africanas, perguntei sobre os termos pejorativos utilizados para designar mulheres lésbicas em suas localidades. Através dessa pergunta foi possível esquematizar uma tabela de palavras destacando as variações linguísticas análogas na estrutura ultrajante dos termos e palavras usados tanto em território africano quanto no território brasileiro.

Boyzinha	Charque	Faz sabão	Matchu MIndjer
Cola Velcro	Chupa Charque	Lésbica	Sabuera
Caminhoneira	Entendida	Macho Fêmea	Saboeira

Os termos fazem alusão à prática sexual explícita ou, à masculinização apontada como um símbolo que demarca uma performance social. Alguns termos são mais populares e outros até mais regionais em seu processo linguístico, por exemplo, "macho fêmea" e "matchu mindjer" que possuem significados iguais e estão em línguas diferentes, um em português e outro em Criolo. A referência do masculino é muito usada para designar mulheres lésbicas, principalmente as mulheres que performam uma masculinidade, essas são de fato as que são mais atacadas em todo processo de socialização. "As lésbicas masculinas ou lésbicas "butch" são alvo de violência porque seus traços visíveis masculinos perturbam a hierarquia de gênero, reivindicando simbolicamente o privilégio masculino" (Gontek, 2009; Gunkel, 2010)

Poderia relacionar esse fato ao que Somé (2007) narra em relação aos poderes dos guardiões em conseguir estar presente em dois mundos diferentes ao mesmo tempo. Sendo eles responsáveis por apaziguar homens e mulheres na aldeia. A mulher guardiã é consultada pelos homens e também frequenta as reuniões dos homens aconselhando-os em suas relações. Essa formação de identidade do povo Dagara, da Burkina Faso, não é reconhecida nos âmbitos ocidentalizados, isto é, essa não é uma ótica vigente na realidade de algumas comunidades diaspóricas e até mesmo em comunidades africanas. É comum que esses termos sejam utilizados de modo a depreciar as pessoas que se apresentam enquanto homoafetivas.

Os corpos dissidentes são vistos como fora da norma, não quistos pelo divino, suas experiências afetivas são compreendidas enquanto algo estritamente corpóreo. Uma prática, que é apenas sexual. A objetificação dessas relações cria um estigma de alteridade que permeia em todas as camadas do ser lésbico, em específico o ser sapapreta.

Na epistemologia e ontologia ocidentais, é o corpo lésbico negro, o pervertido feminino negro, e no caso do Brasil, a bruxa negra, que serve de sustentação para as definições do "não-humano", enquanto o cisgênero, masculino, branco, rico, heterossexual, cristão e burguês (também conhecido como Homem) continua a servir como sustentação para o "humano", um processo enraizado na América colonial. (SAUNDERS, 2017 p. 107/108)

A desumanização provém de bases epistemológicas calcadas em pensamentos religiosos, no qual, fundamenta ideologicamente o conceito de acerto e o erro. Se a imagem do negro já foi conduzida para uma ideia de perversão, a imagem da mulher lésbica será possivelmente demonizada. Essa concepção de erro, se ancora principalmente no que diz respeito às práticas sexuais. Ou seja, as práticas sexuais não são sacras se feitas entre pessoas do mesmo sexo.

Entretanto, as emoções homoafetivas perpassam a dimensão do físico e isso causa um enclausuramento existencial, onde só é possível abstrair dessas imposições quando adentramos a dimensão da intimidade, e criamos possibilidade de existir sendo sapapreta.

Foi esse caminho que trilhamos, na busca de evidenciar as narrativas de mulheres lésbicas - de diferentes nacionalidades, culturas e religiões - às possibilidades de existências e de vivências homoafetivas. Na visão conservadora é comum que as relações entre mulheres sejam vistas como apenas sexos, isso gera uma noção de lascividade compulsiva. Quando Sobofu Somé nos apresenta um outro olhar para o que seria a vivência homoafetiva entre o povo Dagara, percebemos o quanto as relações homoafetivas estão estereotipadas, ou coisificadas.

As consequências linguísticas e terminológicas da identidade lésbica respinga no processo de socialização dessas mulheres, afetando muitas vezes em seu convívio. Nos relatos trazidos pelas entrevistadas, foi possível perceber uma similaridade nos discursos, e o mal estar em ser apontada como alguém que está fora da normalidade. Ao perguntar se elas foram afetadas com as terminologias pejorativas e o que elas sentiram ao ser encaixotadas nessas nomenclaturas, obtivemos as seguintes respostas: "SIM!! Foi meu trauma de infância ser chamada de mulher/homem (Irene, 23 anos, Recife); "Ao invés de Jamile, eu era chamada de Joãomile" (Jamilé, 30 anos, Bahia); "Mal, porque o preconceito vem dentro da família!" (Nayba, 22 anos, Luanda); "invadida e rebaixada, uma vez que o 'sapatão' era usado como sinônimo de algo ruim." (Sheron, 24 anos, Recife); "me sentia mal, com medo de descobrirem o que eu sou" (Zami, 22 anos, Bissau).

É perceptível nos discursos das entrevistadas o incômodo gerado por palavras deferidas em forma de insulto. A lésbianidade sendo uma categoria identitária universalizada não compreende as vivências reais de nós, sapapretas. As palavras pejorativas chegam para nós muito antes da palavra lésbica chegar conceituando aquilo que nos forjou e forja dentro de um esteriótipo.

Esses relatos sobre a nomenclatura preconceituosa usada para referenciar essas mulheres em são de fato, problemática pois, a sensação de estarem sendo insultadas por serem lésbicas permeou toda a nossa socialização. Gloria Anzaldúa (2009) pontua de forma sucinta a questão das terminologias identitárias usadas em sua comunidade, que nada tem relação com a noção de lesbianidade ocidental. "Me chame de las otras. Me chame loquita, jotita, marimacha, pajuelona, lambiscona, culera – essas são palavras que cresci ouvindo. [...] esses são os termos que minha comunidade natal usa."

Nesta pesquisa consideramos "sapapretas" todas as mulheres que têm relações afetivo/sexuais com outras mulheres, sejam elas bissexuais ou lésbicas. Importante destacar que o alvo dessa pesquisa foram mulheres negras, brasileiras, angolanas e guineenses. Tendo em vista as opressões intelectuais e sociolinguísticas destacadas, percebemos o quão massivo é a socialização da mulher sapapreta, e fatores que são intensificados pelo fator racial.

3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A escrevivência é um conceito literário criado pela Conceição Evaristo (2007), que se traduz no processo de escrever aquilo que se vive, parte da experiência constrói o indivíduo.

Evaristo em entrevista cita a importância do termo e o relaciona com o fato de mulheres negras escravizadas contarem histórias para os meninos da casa-grande dormir, a “escrevivência” nasce com o intuito de não mais acalantar, mas sim, de incomodar. Ao mesmo tempo, bell hooks (2013) nos ensina que a teorização necessita das práticas transgressoras, Audre Lord (2019) nos dá caminhos para romper o silêncio nesse sentido seguimos as epistemologias combativas dessas mulheres para traçar o objetivo de evidenciar as realidades vividas

Lembro que quando eu cheguei na UNILAB em 2019 a minha sexualidade era algo que espantavam as pessoas, comecei a perceber que alguns colegas tinham reações de estranhamento, em geral, os homens que tentavam flertar comigo não conseguiam credibilizar a minha preferência por mulheres, e os argumentos sempre eram sobre a minha aparência por não ser masculina, como costumeiramente são essas as mais marcadas pelo estranhamento homofóbico. A demarcação identitária de mulheres lésbicas é de fato a performance social, por exemplo, uma mulher masculinizada será facilmente identificada e hostilizada a partir da Sua vestimenta, do seu comportamento dentro dos códigos de padrão social.

Com o tempo, fui percebendo que as poucas lésbicas assumidas que existiam na UNILAB, mais especificamente no campus Malês, eram todas amefricanas⁹, isso me deixava inquieta.

Eu compreendia que esse assunto nas comunidades africanas era um tabu, mas vivenciar isso na prática, sendo eu o objeto de estranhamento foi um tanto diferente. Eu já tinha convivido com muitas formas de homofobia, inclusive, na minha própria casa. Nunca passei por algo constrangedor na UNILAB, mas percebi que não era algo agradável para as pessoas.

Um dia, estava em uma atividade em sala de aula, debatíamos sobre a lgbtfobia nos países da integração e um estudante guineense falou que essa prática não é comum na Guiné Bissau, porque pessoas homoafetivas não se revelavam socialmente e vivem suas sexualidades de forma escondida, por fim, ele teve uma fala que me intrigou, disse que essa forma de vivenciar a sexualidade era fruto de influências coloniais. Enquanto o colega trazia essa fala, eu fiz uma pesquisa rápida no google sobre violências contra pessoas LGBT na Guiné Bissau e apareceram centenas de notícias. Eu questionei o colega e mostrei as notícias, se existe violência contra pessoas de sexualidades dissidentes é porque elas existem no país, e apontei que provavelmente o motivo de se esconderem é por conta do preconceito, da homofobia.

⁹ GONZALEZ, 1988a, p. 76-77. A amefricanidade se refere à experiência comum de mulheres e homens negros na diáspora e à experiência de mulheres e homens indígenas contra a dominação colonial.

Duas narrativas distintas, porém, interligadas dominam as discussões sobre as sexualidades queer africanas. Uma afirma que as sexualidades queer são “não africanas”, enquanto a outra trata a África como um lugar de homofobia obsessivo. A primeira provém de um conjunto de fundamentalismos religiosos, que insistem em interpretações estritamente literais de textos religiosos, e uma postura culturalmente essencialista, que patologiza e nega a existência da condição queer (queerness) no continente. Estes fundamentalistas argumentam que as sexualidades queer ameaçam as normas culturais e sociais africanas e afirmam que as iniciativas pró-queer na África, por parte de países e ONGs ocidentais, são imperialistas (EKENE, 2013, p.19)

Mesmo ele afirmando não ser uma pessoa preconceituosa, ele falava que isso não era do agrado de Deus, perceptivelmente, a opinião que ele esboçava continha fundamentos religiosos, o mesmo se afirmou cristão por várias vezes, nesse momento eu o questionei: Se a homoafetividade era algo importado para o continente africano, a religião que ele seguia também era, então esse juízo de valor estaria contraditório. A nossa conversa caminhou por muitos lugares, foi uma discussão extensa mas muito importante para elucidação de muitos fatos. Ao ouvir esse colega, fiquei muito inquieta, muitas questões ressoavam, eu queria conversar com alguém que estivesse do outro lado da história. Só uma pessoa homoafetiva guineense conseguiria falar com propriedade suas vivências.

Essa pesquisa já estava em andamento, até então eu estava buscando relatos de mulheres brasileiras e angolanas, pois, eu tinha contato com algumas sapapretas de Luanda que conheci antes de começar a escrever essa pesquisa, porém, eu queria colocar os relatos de sapapretas guineenses, mas não conhecia nenhuma mulher que se enquadra na pesquisa.

Ninguém que participou dessa pesquisa estuda no campus malês, e isso também reflete o quanto as sexualidades dissidentes são vistas como tabu pelas comunidades africanas presente no campus, as pessoas que poderiam participar da pesquisa tiveram medo e se recusaram. Então a minha única alternativa era fazer contato com alguém que não estava dentro desse círculo, ou que estava na Guiné Bissau. Através dessas insistências e muito diálogo com as participantes que foram ficando à vontade, abrindo o campo das subjetividades conseguimos ter trocas muito profundas e se autoconhecer em muitos relatos.

Esses depoimentos presentes neste tópico, são relatos de pessoas que vivenciam os atravessamentos por serem quem são. A escrevivência para as mulheres negras está atrelada ao fato de (re)existência dos seus corpos e afetos nessa sociedade estruturalmente pensada para o apagamento das subjetividades de pessoas *interseccionalmente* oprimidas, como é o caso das sapapretas. Por isso, é necessário ouvi-las, lê-las. Que elas possam escrevivenciar então!

3.1 COMO É SER LÉSBICA EM SEU PAÍS/ TERRITÓRIO

Em Angola a diversidade de gênero ainda não é vista com bons olhos, devido a nossa origem e criação Bantu. É um desafio diário, porque podes ter aceitação no seio familiar e ter pessoas de fora te julgando sempre. É muito complicado aceitar as pessoas do jeito que elas são e como elas decidem estar. Mas não é mau de todo porque tem algumas pessoas que respeitam e aceitam as diferenças dentro da nossa sociedade. (Nzinga, angolana, Luanda.)

Complicado. Não sou respeitada por ser quem eu sou, tenho medo de me relacionar muitas vezes com medo de ser abandonada, por conta da visão social que pesa a mente da gente ou medo de abandonar minha companheira por conta da mesma situação ou seja medo de amar e de expressar esse dengo; a maioria dos homens que conheço não sabem se comunicar comigo, pois acham que não tive uma boa experiência com o sexo masculino e por isso sou lésbica ou quando passo na rua de mãos dadas, hora ou outra existe olhares e represos e variadas situações desconfortáveis, como na minha própria família, onde meu pai diz que na Bíblia é errado ser gay, mas que respeita, já que Deus ama o pecador e não o pecado ou seja acha que o que eu sou é errado porém tem q aturar e não é sobre aturar, é sobre se permitir conhecer o diferente e respeitar. (Beatriz, brasileira, Salvador.)

Aqui (Guiné Bissau) é uma realidade dura, a família não aceita, a sociedade não aceita, você acaba se escondendo e o preconceito fica ao redor e em tudo quanto é lugar, você não pode se assumir, se assumires vão passar a te ver de uma forma meio estranho, esquisito. Algumas pessoas vão te abandonar, poucas pessoas vão ficar contigo mesmo. Isso aqui é uma coisa muito chata, no meu caso, eu não sou assumida e eu vivo com meus pais. Na minha casa só eu mesmo sei quem eu sou, nem a minha mãe, nem o meu pai porque não aceitam, esse é o problema. Alguns amigos sabem, mas são amigos mais próximos e a maioria deles são também, isso facilita um pouco. (Zami, guineense, Bissau)

3.2 SITUAÇÕES DESAGRADÁVEIS

[...] uma situação específica que sempre lembro, foi uma vez que estava eu e minha ex namorada passando a rua, voltando pra casa de mães dada e um senhor de idade começou a dizer que isso não era de Deus que o mundo ta virado, que isso é pecado e várias coisas ruins sobre ser lésbica e demonstra afeto em público, começamos a responder as ofensas, mas ao mesmo tempo tive medo de ser repreendida por outras pessoas que passavam. (Beatriz, brasileira, Bahia)

Infelizmente já, não tem como tu seres diferente de muitos e não passares por situação desagradável. Minha família não reagiu bem ao saber da minha orientação sexual. Até hoje ninguém aceita. A Única coisa que me mantém forte até agora, é a seguinte frase: A felicidade não se resume na ausência das pessoas. Mas sim na capacidade de lidar com eles. (Nzinga, angolana, Luanda)

[...] eu já contei para umas pessoas que achei que iria ficar comigo, que entenderam meu lado. Só que acabaram se afastando, achando que eu precisava de ajuda. Algumas pessoas já me disseram que eu preciso de Deus na minha vida. Epah! É chato, perdi algumas pessoas. Outras falam coisas que eu não consegui esquecer. [...] Na escola, os meus amigos me chamam de esquisita, porque dizem que eu faço coisas além do normal, fora do comum. Tem um amigo que sempre costuma dizer “você é lésbica!” e ele costuma dizer “um dia vamos saber”. Eu ando com meus amigos mas posso ver que eles são preconceituosos, sempre mostram que são contra, não são a favor disso. Então eu evito de falar para eles “olha, eu sou isso, sou aquilo” [...] Já me falaram que eu não seria feliz porque eu faço coisas que vão contra a realidade, que eu preciso de ajuda psicológica, que eu to precisando de Deus na minha vida... (Zami, guineense, Bissau)

3.3 ZAMI

Esse tópico é extra, pois, eu preciso falar especificamente da Zami. - esse nome é fictício para preservar a identidade e integridade da participante - Os relatos dela são os mais sensíveis, e eu preciso ser o mais cautelosa possível. Pois, de todas as participantes desse trabalho Zami é a única que vive sua sexualidade de forma escondida, existem motivos específicos para isso, ao longo do nosso diálogo extenso e que durou dias, senão, semanas foi possível compreender os fatores particulares que não permitem uma exposição da sua sexualidade. Entre eles está a família, valores religiosos, tradição e principalmente o medo de vivenciar as possíveis violências.

Nossa conexão realmente foi diferente, eu sei que a neutralidade científica não existe e nem posso ser neutra na construção desse trabalho, pois, todos esses relatos são próximos à minha realidade e eu sinto cada incomodo revelado por elas. É por isso que eu acredito na potencialidade desses escritos, porque esses relatos são verídicos e falam sobre as subjetividades de mulheres negras que vivem os riscos de serem quem são.

Zami é uma mulher guineense de 22 anos, mora em Bissau e pertence à etnia Bijagó¹⁰. Nosso diálogo aprofundou em um nível que permitiu ela adentrar histórias particulares e memórias remotas, os relatos de Zami precisam de um tópico especial. Que ela possa escrever e apresentar-se em sua própria narrativa, esse tópico aqui eu serei apenas uma co-autora, pois a palavra principal é da Zami.

Bom, eu tenho 22 anos, posso dizer que eu sou lesbica, é meio complicada a minha situação pois eu vivi muito tempo não aceitando que eu era, até hoje ta sendo meio complicado eu fico assim pensando se sou BI ou se sou lesbica mas respondendo isso, se eu dizer que sou bi eu estou mentindo porque eu não estou ficando ou não estou tendo interesse por nenhum homem nem nada. Eu to ficando com uma mulher e há anos tem sido assim, to ficando com uma mulher então posso afirmar que sim, sou uma lesbica! (Zami, Bissau)

A não aceitação também é uma forma de constatar, pois, você nega aquilo que já está perceptível. Esse momento da constatação faz parte da autodescoberta, a negação vem através de princípios que foram impostos durante a nossa educação e socialização e que se fundamentam em concepções religiosas. Como Kabwila (2018) analisa os discursos, por exemplo, da população malauiana que comumente perpassa a noção do pecado, e esse

¹⁰ A etnia Bijagó é um grupo étnico que habita as Ilhas Bijagós, um arquipélago localizado na costa da Guiné-Bissau, na África Ocidental. A sociedade Bijagó é organizada em torno de clãs e linhagens matrilineares, onde as mulheres têm um papel importante na transmissão das tradições e na tomada de decisões comunitárias.

pensamento não só está atrelado ao julgamento exógeno, mas também, o autojulgamento endógeno - de dentro de si próprio - que muitas vezes nos desloca de nossa própria identidade.

[...] pontos de vista que citaram a religião e a cultura como motivos para legitimar as posições em grande parte homofóbicas[...] A homossexualidade, por outro lado, é geralmente vista como uma nova ameaça, um 'pecado' alienígena que precisa ser erradicado muito rapidamente antes que se espalhe e contamine a população[...] (KABWILA, Jessie. 2018, p.133)

Nos relatos de Zami, é evidente a presença desse atravessamento em sua vivência, como ela mesma compartilha em sua narrativa. Essa realidade também é discutida pela escritora Sokari Ekine (2013) no livro "Traduzindo a África Queer II", onde ela ressalta: "O pânico moral contra a homossexualidade no continente é sistemático e revela uma campanha instrumentalizada e bem organizada, evidenciando a estreita relação entre os fundamentalismos religiosos e culturais" (EKENE, 2013, p.19). Essa citação ressalta a complexidade e o impacto das dinâmicas sociais e culturais no enfrentamento da homofobia.

Outros falam algumas coisas que eu não vou esquecer [...] Já ouvi que eu estou precisando de Deus na minha vida, e eu disse que não é isso, e ela disse que é falta de Deus porque se eu tivesse Deus eu seguiria o caminho certo e não estaria vagando pelo no mundo sem saber por onde andar. Essas coisas martelam minha cabeça, mas eu sigo convivendo com isso" (Zami, Bissau)

Trazer os relatos de Zami é realmente poder olhar sobre uma perspectiva na qual algumas de nós, sapapretas, vivemos em nosso processo, que é o choque entre os princípios religiosos e a nossa identidade. Esse relato me tocou, pois, o roteiro da nossa história é parecido, porém, totalmente diferente se tratando dos contextos no qual vivemos. Um ponto primordial que demarca a nossa vivência é pensar na possibilidade de existência entre a nossa comunidade, por exemplo, eu criada na periferia de Recife, posso me afirmar lésbica, mesmo com todos atravessamentos homofóbicos, ainda assim é possível. Enquanto que para Zami essa possibilidade inexistente em seu contexto, ainda mais em sua etnia.

Eu sou da etnia bijagó, mas eu não vivo com eles, eu vivo na cidade, moro com meus pais. Também não sei falar na minha etnia, só falo português, crioulo e espanhol que estou aprendendo. Mas tipo, acho que lá na ilha onde vivem meus familiares, 'essa coisa' ainda não chegou. As lésbicas existem na Guiné-Bissau. Mas sim, eu posso garantir que a maior porcentagem é só na cidade mesmo, lá no interior é meio complicado, eu acho que não existem ainda. (Zami, Bissau)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste trabalho representa um importante passo rumo à trilha que foi aberta por aqueles que vieram antes de nós e nos ensinaram a desenvolver técnicas de sobrevivência dentro de uma estrutura que busca suprimir nossas subjetividades enquanto sapapretas. Ao me conectar com essas mulheres, que estão simultaneamente próximas e distantes, percebo o quanto nossas experiências se entrelaçam e o quanto estamos confinadas em caixas identitárias e na noção de erro. Assumir a responsabilidade de romper com as concepções universalistas é um legado deixado pela brilhante e poderosa sapapreta que foi (e continua sendo) a majestosa Audre Lorde. Sem dúvida, a influência de seus escritos em minha vida foi crucial para a formulação deste trabalho.

Assim como cada uma das sapapretas que, corajosamente, compartilharam suas vivências e subjetividades, possibilitando a elaboração deste trabalho, expresso profunda gratidão pela oportunidade de ser o eco das vozes dessas mulheres poderosas que contribuíram para esta obra.

O objetivo principal é reconfigurar as demarcações terminológicas ocidentais e destacar as realidades subjetivas das mulheres africanas e ameafricanas. Busca-se, assim, reconstruir uma identidade que não objetifique, sexualize ou exotize nossos corpos. No caminho do autoconhecimento, almejamos reencontrar a intimidade e vivenciá-la plenamente. Como afirmou Audre Lord, "à medida que aprendemos a suportar a intimidade da investigação e a florescer dentro dela, à medida que utilizamos os resultados da investigação para fortalecer nossas vidas, os medos que dominam nossa existência e moldam nosso silêncio começam a perder seu controle sobre nós" (LORD, 2019, 44).

Em consideração final, gostaria de destacar a beleza e importância do desafio de abrir as subjetividades. Através das poderosas narrativas apresentadas pelas sapapretas neste trabalho, acredito que muitas outras mulheres poderão se identificar e encontrar um espaço onde se reconheçam. Espero sinceramente que os relatos dessas mulheres ecoem na construção de um mundo no qual possamos viver nossas identidades livremente, sem o medo de sermos julgadas, excluídas ou consideradas diferentes simplesmente por sermos quem somos. É uma jornada significativa e inspiradora, e estou otimista de que esse trabalho contribuirá para a construção de possibilidades mais inclusivas e acolhedoras para todas nós

REFERÊNCIAS

- ANZALDUA, Glória. *Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana*. Trad. De Tatiana nascimento. To(o) queer the writer – loca, escritora y chicana. In: KEATING, Ana Louise (Ed.). *The Gloria Anzaldúa Reader*. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163- 175.
- CRENSHAW, Kimberlé W. “**Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**”. *Estudos Feministas*, ano 10, n° 1/2002, pp. 171-188.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FREIRE, M. S. de L. KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 29, n. 1, p. 268-277, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v29i1p268-277. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170783> . Acesso em: 20 jul. 2022.
- GONTEK, Ines (2009). “**Sexual violence against lesbian women in South Africa**”. *Outliers. A collection of Essays and Creative Writings on Sexuality in Africa*, 2 (Spring): 1-18.
- GUNKEL, Henriette (2010). *The Cultural Politics of Female Sexuality in South Africa*, New York, Routledge.
- GONZALEZ, Lélia. *As amefricanas do Brasil e sua militância*. *Maioria Falante*. vol. 7, p. 5, mai./jun. 1988.
- GONZALEZ, Lélia. *A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social*. *Raça e Classe*, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.
- HOUNTONDJI, Paulin J. *Conhecimento de África, Conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos*. In *Epistemologias do Sul*, edited by B. S. Santos and M. P. Meneses. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- KABWILA, Jessie. *Seeing beyond colonial binaries: unpacking Malawi’s homosexuality discourse*. In: ABBAS, Hakima; EKINE, Sokari (Ed.). *Queer African Reader*. Dakar: Pambazuka Press, 2013.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: Ensaios e Conferências. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Tradução de Stephanie Borges.
- REA, C; PARADIS, C. G. ; AMANCIO, I. M. S. (orgs.). 2020. *Traduzindo a África Queer*. Salvador: Editora Devires
- SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.

SAUNDERS, Tanya. **Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária**. Periódicus, Salvador, v.1, n.7, p. 102-116, Maio, 2017.

Tradução de Caterina Rea para a disciplina “**Correntes feministas e diversidade sexual em contextos africanos**” (UNILAB, São Francisco Do Conde, Bahia). Publicado originalmente em inglês na obra EKINE, Sokari; ABBAS; Hakima (orgs.). *Queer African Reader*. Dakar/Nairobi/Oxford, Pambuzuka Press, 2013.

SOARES, L. V; MACHADO, P. S. "**Escrevivências**" como ferramenta metodológica na **produção de conhecimento em Psicologia Social**. Revista psicologia política. São Paulo, vol.17 n°.39, maio/ago. 2017

YORKE, Liz. **Primary intensities: lesbian poetry and the reading off difference**. *In*: GIBBS, Liz. *Daring to dissent: lesbian culture from margin to mainstream*. New York: Cassel, 1994. p. 66-88